

Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação

Maria Beatriz Nascimento Decat
(UFMG)

Resumo

Neste trabalho investigo, norteadas pelo funcionalismo norte-americano, a ocorrência ‘desgarrada’ de orações relativas apositivas no português escrito brasileiro e europeu, estabelecendo um paralelo de seu comportamento com o de SNs ‘soltos’ e com estruturas clivadas, e postulando ser o ‘desgarramento’ mais uma das estratégias de focalização com vistas a uma maior argumentatividade, à qual se aliam as funções textual-discursivas de avaliação e retomada, exibidas por essas estruturas em diferentes gêneros textuais.
Palavras-chave: Orações relativas apositivas; ‘Desgarramento’; Focalização; Argumentatividade; Funções textual-discursivas.

Introdução

Em trabalhos anteriores, examinei certos tipos de orações subordinadas cujo

caráter independente concorria para que tais estruturas ocorressem, no português escrito, de maneira ‘solta’, sem a oração matriz. A tais estruturas chamei de ‘desgarradas’ (DECAT, 1999b), tendo em vista sua ocorrência isolada, à maneira de um enunciado independente. Partindo da noção de “unidade informacional” (*Idea unit*), ou unidade de informação, tal como formulada por CHAFE (1980), analisei o comportamento de orações adverbiais que se materializavam lingüisticamente na modalidade escrita do português do Brasil como estruturas de “desgarramento”, constituindo, por si mesmas, unidades de informação à parte. Nesse sentido, essas orações se diferenciavam das estruturas “encaixadas” – aquelas que se apresentavam, por exigência do próprio sistema da língua, em constituição com um item lexical, funcionando como um argumento desse e, por isso, integradas estruturalmente em outra, a oração matriz, fazendo, com essa, parte de uma mesma unidade de informação. Nesse tipo enquadravam-se, por exemplo, as orações subordinadas substantivas.

Já naquele primeiro momento, detectei nos dados examinados (jornais e revistas brasileiras de grande circulação, trabalhos acadêmicos, artigos científicos, dentre outros) a ocorrência, igualmente “desgarrada”, de orações adjetivas explicativas, também chamadas de orações relativas (adjetivas) **apositivas**. Uma análise mais detalhada do comportamento dessas estruturas encontra-se em DECAT (2001), onde são examinadas as ocorrências das relativas apositivas em dados do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Foram aí apontadas semelhanças e diferenças entre essas duas variedades da língua portuguesa, a partir de uma **escala** de “desgarramento” (ou ‘graus de independência’) que se distribuía por diferentes gêneros textuais escritos. A ocorrência de ‘desgarramento’ de orações relativas apositivas mostrou-se, no entanto, maior no português brasileiro, e com diferenças de distribuição nos gêneros examinados.

Dando continuidade ao estudo das orações relativas apositivas que se materializam de forma independente, ou ‘desgarrada’, constituindo uma unidade informacional à parte – às vezes assemelhando-se a um **adendo**, e tendo um **caráter parentético** –, o presente estudo pretende mostrar que esse ‘desgarramento’ das orações relativas apositivas funciona, em português, como **estratégia de focalização com função argumentativa**. Tal comportamento das relativas apositivas vai se assemelhar ao de SNs que ocorrem ‘soltos’, servindo àquela estratégia com a finalidade de dar algum destaque. A discussão aqui empreendida partiu do exame de dados do português escrito brasileiro e do europeu, dando prosseguimento ao trabalho de DECAT (2001).

Antes de passar ao exame dos dados, é necessário que se esclareça essa noção de ‘desgarramento’ que venho utilizando já há algum tempo. Como já foi dito acima, ela fundamenta-se, em princípio, na noção de **unidade de informação**, que vai servir para explicar essa ocorrência independente da oração relativa apositiva (nomeada, pela NGB, de oração adjetiva explicativa). Por outro lado, essa noção encaixa-se, de acordo com as postulações de BALLY (1944), quando esse autor trata das relações entre orações, no nível da **segmentação**, no qual inclui orações (ou expressões) adverbiais ‘deslocadas’ e estruturas parentéticas. A segmentação é por ele vista como uma noção de ordem semântica, e refere-se a estruturas cuja **soldadura** (BALLY, 1944) não se realiza por completo. Associando tais noções à de **unidade de informação**, aqui utilizada,

pode-se considerar que na segmentação as orações não se acham ligadas num único ato de enunciação, como acontece na soldadura, que corresponde à contraparte semântica do que HALLIDAY (1985) chama de **encaixamento**, uma estratégia formal, no nível sintático, de combinação de orações. Ao contrário, na segmentação, embora exista o elo semântico entre as orações, a condensação não é consumada, ou seja, as orações não constituem um único ato de enunciação, mas cada uma realiza uma unidade de informação à parte, mesmo com a manutenção do elo semântico com a oração anterior. É dentro dessa perspectiva que se desenvolverá a análise aqui apresentada.

1 A aposição como estratégia sintática de focalização e argumentação

Para os propósitos deste trabalho adotei a postulação de MEYER (1992, p. 1), segundo o qual a **aposição** é “melhor definida como uma relação gramatical realizada por construções que têm características sintáticas, semânticas e pragmáticas específicas.”

O objetivo central do trabalho será o de apresentar, numa abordagem funcionalista, uma análise que leve mais em conta a função pragmática das orações relativas apositivas (ou adjetivas explicativas, de acordo com a NGB; ou, ainda, não-restritivas), função essa realizada lingüisticamente pela estratégia de **focalização**, que, conforme aponta BRAGA (1999, p. 281), fundamentada em DIK (1989), tem a ver “com a saliência ou importância do que dizemos a respeito das coisas.” O que vai importar para a análise aqui empreendida é a **finalidade comunicativa** dessa função focal, no intuito de demonstrar que o uso ‘desgarrado’ das orações relativas apositivas serve a essa função, com objetivos comunicativos. Em outras palavras, a oração relativa apositiva, considerada como um dos recursos sintáticos para dar relevo, ênfase ao que é dito, ao ocorrer ‘desgarrada’ vem comprovar a sua força argumentativa.

Essa função focal das orações relativas apositivas apresenta-se de maneira semelhante à que é exercida por sintagmas nominais (**SNs**) que ocorrem ‘soltos’ – *floating noun phrases*, segundo THOMPSON (1989) –, constituindo o que a gramática tradicional costuma chamar de frases nominais. Como mostra D’ARAÚJO (2003, p. 99), são “SNs que não fazem parte de uma oração”, ou seja, não estão inseridos nesse tipo de estrutura.

Da mesma forma que tais SNs ‘soltos’, as orações relativas apositivas, por terem um caráter parentético e de adendo, são ‘candidatas’ ao ‘desgarramento’, ou seja, à ocorrência como um enunciado independente, como se verá a seguir.

2 Estruturas ‘desgarradas’

Observem-se os trechos abaixo:

- (1) Ele é pai, legislador, julgador, amoroso, justo e castigador. Uma reprodução ingênua de nós mesmos, de uma família humana,

de uma sociedade humana. (Sacha Calmon - “Volta ao mundo”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Seção **Opinião**, p. 7)

- (2) O avanço tecnológico das 5 motorizações disponíveis é realçado pelas novas sugestões BLG que proporcionam uma condução suave, fluida e ao mesmo tempo emocionante. Descubra o conforto do Lancia Lybra. Para chegar longe na vida, é importante escolher a melhor forma possível. Uma vida de qualidade. (Anúncio Publicitário, Revista VISÃO, nº 342, 30/09/99, p. 27 – PE)
- (3) Sol, maquiagem, poeira: tudo isso resseca a pele. O novo sabonete Fleur de Ypê limpa e hidrata na medida certa. Sua exclusiva composição é enriquecida com ingredientes especiais que ajudam a manter a maciez e a umidade natural da pele. Fleur de Ypê combina hidratantes naturais e ingredientes suaves com agradáveis perfumes. Todo tratamento diário de beleza, agora, começa com Fleur de Ypê. Novo sabonete Fleur de Ypê. Hidratação na medida certa. (Anúncio publicitário, Revista VEJA, ano 38, nº 6, 9/02/05)
- (4) A Alemanha ainda pressionava quando, aos 21 minutos, Ronaldo lutou contra Hamann na intermediária. Roubou a bola. Ela ficou com Rivaldo. Que chutou com força e efeito, à meia altura. Kahn errou. Defendeu parcialmente, mas a bola voltou para o meio da área e lá estava Ronaldo, o grande Ronaldo. Que empurrou para o gol; 1 a 0. (David Coimbra - “Brasil Cinco” - ZERO HORA, Ano 39 - Nº 13.465 - 1º/07/2002 2ª Edição - Porto Alegre - p. 2 do encarte **Jornal da Copa**)
- (5) Na sua santa burrice, os propagadores do estreitamento, da separação e do isolamento, do nivelamento por baixo, ao que parece desejam que não sejamos continente, mas uma ilha no meio da civilização ocidental. Que talvez nem seja lá grande coisa, mas é o que temos. (Lya Luft - Ponto de Vista - Revista VEJA, ano 38, nº 6, 09/02/05, p. 21)
- (6) “Levantar cedo, acordar os filhos, seguir para o trabalho, fazer compras, ir buscar os filhos fazer o jantar, sorrir ao marido. Sempre com boa disposição. Mesmo sabendo que, amanhã, vai ser tudo igual, igual, igual...e ainda querem que perca tempo a ir ao banco?”
Para quem tem, simultaneamente, uma vida profissional, uma vida familiar, uma vida social^(a). Para quem vive a vida agitada dos nossos dias^(b). Para quem não tem tempo a perder^(c).
Para essas pessoas – para si – existe um banco especial: o Banco 7. Onde tudo é tratado pelo telefone ou pela Internet^(d). Onde a moderna tecnologia existe para servir as suas necessidades^(e).

Um banco sem burocracias desesperantes⁽⁴⁾. Um banco sem filas de espera⁽⁵⁾. Um banco que funciona (sem gravações) das 0 às 24 horas, entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro⁽⁶⁾.

Banco 7: um banco criado de raiz a pensar em si⁽¹⁾.

E podíamos continuar. Banco 7: um Banco que lhe dá toda a atenção que merece... Um banco que lhe dá mais⁽¹⁾. (VISÃO - nº 343 - 7 a 13/10/99 - p. 79 - PE)

Nos exemplos de (1)-(3), os constituintes sublinhados são sintagmas nominais que ocorrem livremente, sem estarem vinculados sintaticamente a nenhuma oração dos trechos que os antecedem. São, portanto, ilustrações do que estou considerando SNs 'soltos'.

Já nos trechos de (4)-(6), tem-se a ocorrência 'desgarrada' de orações relativas apositivas. No exemplo (4), as orações iniciadas pelo pronome relativo **que** são a manifestação sintática da função de focalização, que atribui um destaque às ações dos jogadores envolvidos, ou mesmo aos próprios jogadores Rivaldo e Ronaldo. O 'desgarramento' dessas orações marca a importância delas para a estrutura informacional. Costuma-se dizer (como se encontra normalmente nos tratamentos tradicionais) que as orações relativas apositivas veiculam, de certa forma, uma informação secundária. No entanto, a estratégia de focalização traz um novo olhar sobre essas informações, tornando-as proeminentes, por força do relevo positivo, ou "proeminência" (cf. TRAVAGLIA, 1999, p.79), que lhes é atribuído, servindo à argumentação.

Essa mesma função de proeminência, de focalização é manifestada pela ocorrência de SNs 'soltos'. Comparando os trechos exemplificados em (1)-(3) com os de (4)-(6), evidencia-se a equivalência da força argumentativa alcançada pela focalização tanto nos SNs 'soltos' quanto nas orações apositivas. Vale lembrar que as estruturas de (4)-(6) são também SNs em forma oracional. Como bem mostra NOGUEIRA (1999),

o emprego de expressões apositivas está freqüentemente relacionado com o que os estudos de retórica e argumentação denominam de *figuras de presença*. Em outras palavras, as posições servem ao propósito de aumentar o efeito de presença, na consciência do auditório, de um referente discursivo, mediante referências catafóricas que focalizam esse referente ou múltiplas reformulações parafrásticas (NOGUEIRA, 1999, p. 223)

O trecho exemplificado em (6) é bastante rico na ocorrência das estruturas que estão sendo aqui examinadas e que, no exemplo, estão indicadas por letras sobrescritas após cada estrutura. Assim, as seqüências (a), (b), (c), (f) e (g) são ocorrências de SNs 'soltos' (ou, mais precisamente, sintagmas adverbiais constituídos de preposição + SN), todos destacados com o objetivo pretendido pelo anúncio publicitário, qual seja o de convencer o leitor da finalidade e das vantagens oferecidas pelo Banco 7, ou indicar o tipo de público que o banco pretende atingir. A seqüência (i) também é um SN 'solto', colocado em relevo e fornecendo um resumo das características do banco, com o propósito de reforçar a argumentação. Já as seqüências (d), (e), (h) e (j) diferem das acima citadas por constituírem um outro tipo de enunciado apositivo: no caso de (d) e (e),

tem-se a ocorrência de orações relativas apositivas ‘desgarradas’ e iniciadas pelo conectivo **onde**. Por outro lado, em (h) e (j), as orações relativas ‘desgarradas’ ocorrem com um outro formato, uma outra configuração sintática, como já apontei em DECAT (2001): são encabeçadas pela estrutura **SN + que**, representando um aposto no qual está inserida uma oração relativa restritiva. Mesmo assim é, em seu todo, uma estrutura apositiva. A força argumentativa dessas estruturas está no fato de elas serem resultado da aplicação da estratégia de focalização, dando destaque às vantagens oferecidas pelo banco.

Nesse momento, é necessário retomar as postulações apresentadas em BRAGA (1999), e em OLIVEIRA & BRAGA (1997) sobre as estratégias de focalização, a fim de estabelecer um paralelo entre as orações apositivas ‘desgarradas’ e as estruturas clivadas, ou, mais precisamente, as pseudoclivadas. Observe-se, para tanto, o trecho abaixo:

- (7) Assim, fomos nos transformando numa multidão que rejeita o sentido e exige o espetáculo. Já vamos para o quinto *Big Brother Brasil*. O que significa que quem melhor monitora o desejo humano hoje é a mídia televisiva. O fascínio hoje é se vender no “mercado da carne”, onde jazem corpos dessubstancializados. A lógica é trocar a mensagem por signos e estereótipos. O que temos é uma massa que rejeita a dialética e exige a simplificação do espanto, do terror e do gozo. (...) Como resistir à antropofagia pós-moderna? O mal está na promessa de felicidade que não se cumpre. Na ausência de entusiasmo e fúria pela conquista e reinvenção da vida. No desafeto do mundo. (Inez Lemos – psicanalista – “A hegemonia do afeto”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Caderno **Pensar**, p. 3)

Em (7) encontram-se três tipos de estruturas que manifestam a função de focalização, ou seja: uma oração relativa apositiva ‘desgarrada’ – *O que significa que quem melhor monitora o desejo humano hoje é a mídia televisiva* –; uma oração pseudoclivada – *O que temos é uma massa que rejeita a dialética e exige a simplificação do espanto, do terror e do gozo* –; e dois SNs ‘soltos’ – *Na ausência de entusiasmo e fúria pela conquista e reinvenção da vida* e *No desafeto do mundo*. Todas essas estruturas assemelham-se quanto aos objetivos comunicativos que detêm, na medida em que dão à ênfase uma função argumentativa. Em outras palavras, essas três estratégias de focalização – a aposição, a pseudoclivagem e a ocorrência de constituintes ‘soltos’ – aliam a função argumentativa às funções informativa e interativa das estruturas, realçando, para o leitor, informações importantes relacionadas ao tópico que está sendo desenvolvido. Como postula KOCH (2002, p. 17) “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade.” E acrescenta: “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental” (KOCH, 2002, p. 17).

Aparece ainda em (7) um outro tipo de oração apositiva ‘desgarrada’, também já tratado em DECAT (2001). Trata-se de uma oração iniciada pela estrutura **o que**, equivalendo a um aposto, com a função de **adendo**. Esse é o

tipo que chamei de relativa ‘sem cabeça’, por ser uma construção que não permite a identificação de um sintagma nominal referente, que a oração estaria modificando, realçando. A referência, nesse caso, se dá com o fato expresso no período anterior, e não com um SN específico. A estrutura assim constituída assemelha-se a uma sentença pseudoclivada, como é *O que temos é uma massa que rejeita a dialética e exige a simplificação do espanto, do terror e do gozo*, e que também é uma estratégia de focalização. A clivagem (ou pseudoclivagem, no caso presente) destaca-se do restante do enunciado, por força de seu efeito argumentativo. Da mesma forma, uma oração relativa apositiva ‘desgarrada’, caracterizando-se como um aposto, ou um adendo, atende a esse mesmo propósito comunicativo. É como se estivesse dando uma informação extra ao conjunto de informações já dadas no discurso. Em outras palavras, a focalidade manifestada por essa informação extra salienta algo já apontado em algum tópico, como já mostrou Braga (1999). São, portanto, razões pragmáticas que levam ao uso dessas estruturas objeto de focalização – tanto as orações relativas apositivas quanto as pseudoclivadas.

O mesmo papel comunicativo e, especialmente, argumentativo terão os SNs ‘soltos’ que aparecem no final do trecho transcrito em (7). Também eles apresentam-se como adendos, como informação extra, constituindo, como se pode verificar no trecho citado, uma série, uma listagem de adendos, ou de aposições.

É interessante lembrar que o relevo, ou destaque, que é dado à oração relativa apositiva nem sempre faz com que essa estrutura se materialize de forma ‘desgarrada’. Observe-se o trecho abaixo:

- (8) Na realidade, o homem ainda não conseguiu descobrir um tipo de reunião que seja mais prazerosa do que aquela que acontece em torno da mesa. O que vale também para as famílias. (...) Pares cacifados ou contando os trocados vão procurar uma casa que se ajuste ao seu bolso, para usufruir de uma noite que precisa, que deve, ser perfeita. *Mesmo que o jantar não passe de uma pizza com refrigerante.* (...) Há exceções, é claro, de casas que fazem o que podem para manter um padrão de qualidade – o que acaba refletindo nos preços e na queixa dos clientes. (Anna Marina, “Mistérios das casas de pasto de BH”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Caderno **Cultura**, p. 2)

A primeira ocorrência da oração relativa apositiva em (8) é ‘desgarrada’, constituindo um enunciado à parte (ou uma **unidade de informação** à parte), em termos de registro escrito. Já a segunda ocorrência mantém ainda um vínculo com o discurso/enunciado anterior quanto à forma em que se materializa. O destaque deu-se, nesse caso, apenas pelo uso do sinal gráfico de travessão, o que obriga o leitor a uma leitura com foco nessa estrutura. Aqui também a oração relativa apositiva é ‘sem cabeça’, por não se referir a nenhum substantivo/SN explícito na seqüência anterior, mas ao conteúdo informacional dessa seqüência. É evidente, por isso mesmo, a sua semelhança com adendo.

A título de ilustração do ‘desgarramento’ de estruturas na língua escrita, registre-se, no trecho citado em (8), a ocorrência de uma oração adverbial ‘desgarrada’ – *Mesmo que o jantar não passe de uma pizza com refrigerante* – , que também serve à função argumentativa como as apositivas, as pseudoclivadas e os SNs ‘soltos’.

Pelo que foi apresentado até aqui, penso haver evidências para se postular que o ‘desgarramento’ é mais uma das estratégias de focalização visando à função argumentativa, por decorrer dos mecanismos de destaque, relevo, realce.

4 A função argumentativa das estruturas ‘desgarradas’ no contínuo dos gêneros textuais

Como já procurei mostrar até aqui, o ‘desgarramento’ de certas estruturas é uma decorrência da necessidade de destacar, de focalizar informações em função da argumentação. Assim, essa estratégia, materializada também (cf. Nota 2 ao final do texto) por orações relativas apositivas e por SNs ‘soltos’, mostrou-se produtiva nos gêneros textuais que apresentam, em sua estrutura organizacional, seqüências tipológicas argumentativas, dada a natureza de convencimento, de persuasão exibida por certos gêneros textuais. Entretanto, essa não é uma estratégia específica de determinado(s) gênero(s); ou seja, dependendo não só do suporte lingüístico que veicula a informação, como também do domínio discursivo em que um gênero se insere, é possível ocorrerem, ou não, estruturas do tipo que está sendo aqui analisado. Basta, para isso, que na organização do seu texto o autor se veja em situação de convencer o leitor sobre seu ponto de vista, sobre sua postura diante do tema que está desenvolvendo. Dessa forma, entendendo **gênero textual** como uma forma textual concreta, realizada empiricamente como os diferentes textos que se pode ler ou ouvir naturalmente, e apresentando “características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002, p.23), haverá gêneros em que as estratégias de argumentação terão papel preponderante no cumprimento da função sociocomunicativa determinada pelo próprio gênero.

Para melhor demonstrar essa amplitude quanto à ocorrência de estruturas apositivas ‘desgarradas’ nos diferentes gêneros textuais e domínios discursivos, passo à discussão de alguns dados do *corpus*, arranjados em grupos conforme o veículo de circulação e/ou seções dentro de um veículo, apontando para os objetivos comunicativos.

Observem-se os trechos abaixo, retirados de um mesmo veículo, numa mesma edição:

- (9) No bolso esquerdo do agasalho, abaixo da inscrição “Ao meu amigo capitão Froner, um abraço do Luiz Felipe Scolari”, colocou o comprimido de calmante. Uma precaução, já que o jogo contra a Inglaterra, nas quartas-de-final, já lhe provocara falta de ar. Aos 82 anos e com um histórico de complicações caríacas, o zelo era aconselhável. (Rodrigo Cavalheiro, “Froner previu a

bronca”, ZERO HORA, nº 13.465, ano 39, 1º/07/02, 2ª edição, Porto Alegre, p. 3 do encarte **Jornal da Copa**)

- (10) Mesmo que não sejam a regra (assim se espera), as trapaças e a falta de transparência que vieram à tona com as fraudes poderão ser um duro golpe para a confiabilidade do mercado acionário dos EUA. O que terá respingos graúdos também no resto do mundo - particularmente nos mercados emergentes (e aí estamos nós incluídos). (Lurdete Ertel, “O abacaxi das maçãs podres”, ZERO HORA, nº 13.465, ano 39, 1º/07/02, 2ª edição, Porto Alegre, **Informe Econômico**, p. 26)
- (11) Pois Ibsen Pinheiro, lembrando esses fatos na Federasul, fez questão de afirmar que apesar do que sofrera por excessos de denunciamento, continuava defendendo, intransigentemente, a plena preservação da liberdade de imprensa, fiel aos ideais libertários que sempre abraçou. Um contraste com alguns casos que temos visto, de pseudodemocratas que no poder, fiéis a resquícios do stalinismo, respondem às críticas da imprensa processando jornalistas. (Lauro Schirmer, “Abrindo o voto”, ZERO HORA, nº 13.465, ano 39, 1º/07/02, 2ª edição, Porto Alegre, **Opinião**, p. 15)
- (12) Mesmo um mau roteirista hesitaria em escrever uma história de superação pessoal e reversão de adversidade, com todos os chavões do gênero “volta por cima”, que nem Hollywood aceitaria mais, como a do Ronaldo. Uma história piegas e improvável que, no entanto, aconteceu e foi o grande tema dramático desta Copa. (L.F. Veríssimo, “Prefiro terremoto”, ZERO HORA, nº 13.465, ano 39, 1º/07/02, 2ª edição, Porto Alegre, p. 3)

A ocorrência de relativas apositivas ‘desgarradas’ bem como de SNs ‘soltos’ nos exemplos acima deu-se em diferentes gêneros, de diferentes domínios discursivos, dentro de uma mesma edição do veículo de circulação, como se pode verificar nas referências ao final de cada exemplo. A necessidade de reforçar um ponto de vista, de dar realce, ênfase a um determinado aspecto, leva o produtor do texto a fazer uso de seqüências argumentativas, materializadas lingüisticamente através da estratégia do ‘desgarramento’ de orações ou de SNs. É uma maneira de alertar o leitor para uma informação, ou uma opinião, que ele, autor do texto, não quer que passe despercebida. Desse modo, é possível compreender por que a argumentação perpassa todo um veículo, como, no caso, o jornal, ocorrendo em seções diversas, representantes de domínios discursivos diversos, como no caso de (9), em que temos um **gênero comentário esportivo** inserido no **domínio jornalístico**. O relevo foi dado através do uso de um SN ‘solto’. Em (10), a ocorrência da oração relativa apositiva ‘desgarrada’, do tipo relativa ‘sem cabeça’, encontra-se num texto do **gênero artigo de opinião** (especificamente sobre **economia**), do mesmo domínio discursivo de (9). Também (11), do mesmo veículo, é um trecho que pertence a um texto do **gênero artigo**

de opinião (inserido na seção **Opinião** do jornal). Nele, a força argumentativa se manifestou no uso de SN 'solto'. Outro caso do **gênero artigo de opinião** é exibido pelo exemplo (12), em que o relevo argumentativo é dado pela ocorrência de uma oração relativa apositiva 'desgarrada' do tipo **SN + que**.

É interessante fazer, aqui, referência ao exemplo (4), dado anteriormente, do **gênero comentário esportivo**, e que está no mesmo jornal dos exemplos acima citados, e no qual ocorreram relativas apositivas 'desgarradas' iniciadas pelo pronome relativo **que**.

Observe-se, agora, um outro grupo de exemplos:

- (13) Livre do aluguel e ganhando um pouco mais, já tinha para pagar o estudo dos três meninos, fora despesas básicas. Quando a Rita, sua mulher, passou também a faturar mais algum graças ao seu talento na cozinha, até sobravam uns trocados no fim do mês. Que davam direito a uma eventual pizzaria e até - imaginem - férias na praia, numa daquelas excursões de agência divididas em seis parcelas. (Boris Feldman, "Polara azul calcinha", ESTADO DE MINAS, 11/06/2000, Caderno **Veículos**, p. 2)
- (14) Estava sem assunto. O que não deve surpreender ninguém. Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu. (Artur Xexéo, JORNAL DO BRASIL, 03/09/99)
- (15) A conseqüência é que a gente não tem consciência das carícias que faz ou recebe. O que consiste praticamente numa repetição monótona das carícias. (Luiz Carlos Maciel ENTREVISTA José Ângelo Gaiarsa, JORNAL DO BRASIL, 03/09/99 encarte **Domingo**, p. 7)
- (16) VEJA - *De acordo com Gilberto Freyre, no entanto, os portugueses contribuíram positivamente ao criar uma nação miscigenada.* UBALDO - É verdade, eles deram algumas contribuições positivas, e essa é uma delas. Com a qual, por falar nisso, o governo quer acabar, implantando o sistema de cotas nas universidades. Eu vejo essa idéia com profunda desconfiança e muito desgosto. (...) Eu me recuso a ser chamado de negro. Não porque tenha vergonha. Eu sou filho de uma família portuguesa pelo lado da mãe, neto de um português pelo lado do pai. A mulher do meu avô paterno era uma mulata acabocorada. O que significa que eu tenho sangue negro. Mas eu me recuso a usar o critério americano que diz que é negro todo mundo que tem uma gota de sangue negro. Ou seja, se o sujeito é filho de um zulu com uma sueca, por que a metade zulu tem de prevalecer? (...) (João Gabriel de Lima ENTREVISTA João Ubaldo Ribeiro, Revista VEJA, ano 38, nº 20, 18/05/05, p. 14)

Os trechos acima foram retirados de textos do **gênero crônica** (exemplos 13 e 14), e do **gênero entrevista** (exemplos 15 e 16). Em todos eles, a necessidade de colocar em proeminência informações ou pontos de vista levou ao uso da estratégia do 'desgarramento' de orações apositivas, com função argumentativa. Em (13), o uso da relativa apositiva 'desgarrada' e iniciada pelo conectivo/pronome relativo **que** realça o comentário sobre a vida de luta de uma família. Interessante é observar que o texto de onde foi extraído o exemplo ocorreu na seção de **Veículos** de um jornal, onde a argumentatividade nem sempre é tão recorrente. No entanto, não é o suporte/veículo de informação que está determinando o uso da estratégia em questão, mas os objetivos comunicativos do autor, chamando a atenção do leitor para um ponto de vista seu. Em (14) também é apresentado um pequeno trecho de um texto do **gênero crônica**, em que a ocorrência da apositiva 'sem cabeça' chama a atenção do leitor para um fato relacionado à temática anterior no fluxo de informação do texto. É como se o autor abrisse parênteses para dar uma explicação, que continua na seqüência *Afinal, esta é praticamente uma constante*.

Os exemplos (15) e (16) constituem excertos de textos do **gênero entrevista**. Nesse gênero, a argumentação é quase uma constante, tendo em vista os objetivos da entrevista, que muitas vezes induzem a explicações, justificativas, necessárias ao ato de convencer, de apresentar argumentos plausíveis na tentativa de conseguir a adesão do leitor a seu ponto de vista. O uso da oração relativa apositiva 'desgarrada', do tipo relativa 'sem cabeça', ocorre tanto em (15) quanto em (16). Nesse último ocorre ainda uma relativa apositiva, também 'desgarrada', do tipo **Prep. + que/qual**. Esse tipo não foi arrolado na análise de DECAT (2001), por não ter ocorrido no *corpus*, obviamente. Entretanto, trata-se da mesma estrutura quando iniciada com o pronome **o qual** (no caso de 16, **a qual**). A presença da preposição é uma exigência do sistema da língua. Além do mais, trata-se de uma relativa 'desgarrada' mas com referente explícito ("uma delas", referindo-se a "contribuições").

O próximo grupo de exemplos evidencia a necessidade de ênfase, relevo, em função argumentativa, em situações discursivas bastante recorrentes nas práticas sociais. Trata-se de textos que têm objetivos interativos acentuados, como é o caso dos **anúncios** publicitários e do **horóscopo**.

No caso dos primeiros (**gênero propaganda**) a necessidade do convencimento, da persuasão chega a levar a uma espécie de "vale tudo" para atrair o destinatário, no caso, o consumidor, o cliente. Vejam-se os anúncios publicitários abaixo:

- (17) Qual é o peso que o telemóvel tem na sua vida? São exatamente 88 gramas. O que faz com que o Mimo Ultra Leve seja o mais leve telemóvel dos que já vêm com cartão recarregável. (Revista VISÃO, nº 343, 30/09/99, p. 133 - PE)
- (18) Assista aos gols do Brasileiro da Globo. Onde quer que você esteja. (Propaganda da "Claro", Revista PLAYBOY, agosto de 2005, p. 27)

- (19) Neste Natal, compre um Vivo. O presente que vem com muito mais presentes. (Propaganda da “Vivo”, Revista CLÁUDIA, nº 12, ano 43, dezembro de 2004, p. 127)
- (20) A mulher que decide por muitos, compra por muitos, ganha por muitos, pensa por muitos, ama por muitos, se cuida por muitos, trabalha por muitos, sente por muitos, é admirada por muitos, vale por muitos, investe por muitos e VIVE POR MUITOS, lê CLÁUDIA. A revista da mulher que faz a diferença. (Revista VEJA, Edição Especial nº 31 Mulher, maio de 2004, p. 86)

Em todos os exemplos acima, ocorreu oração relativa apositiva ‘desgarrada’, de diferentes configurações lingüísticas (relativa ‘sem cabeça’, em (17); relativa encabeçada pelo pronome relativo **onde**, em (18); relativa do tipo **SN + que**, em (19) e em (20)). O uso dessa estratégia nos anúncios publicitários reflete a força que uma propaganda tem de ter para convencer o cliente. Esse objetivo de persuasão vai levar, também, ao uso de recursos extralingüísticos (como os visuais, gráficos), que não são objeto da análise aqui desenvolvida. O interesse é mostrar como a estratégia do ‘desgarramento’ torna a propaganda mais atrativa, mais convincente e, principalmente, mais interativa. O relevo que é dado pela estrutura ‘desgarrada’ constitui o que se pode chamar de “alma da propaganda”. Muitas vezes, esse destaque pode gerar propositalmente uma ambigüidade, como se pode ver no exemplo (20). Dentro de toda a estrutura apositiva *A revista da mulher que faz a diferença* há uma oração relativa restritiva, uma vez que esse é um caso da configuração **SN + que**. No entanto, é possível entrever, aí, uma certa ambigüidade: a que referente a oração relativa restritiva estaria se vinculando? A “revista” ou a “mulher”? Durante todo o texto fala-se na mulher que faz a diferença. Em dado momento, pode-se pensar na revista como a que faz a diferença. Esse jogo argumentativo é reforçado exatamente pelo uso da estrutura ‘desgarrada’, concentrando-se, aí, o interesse da propaganda. E esse foco de interesse é encontrado nos outros exemplos dados.

Não é somente a oração relativa apositiva ‘desgarrada’ que vai atender a essa necessidade de chamar a atenção que caracteriza o texto do **gênero propaganda**. Também os SNs ‘soltos’ vão servir a esse papel, a essa função argumentativa e persuasiva, como mostram os exemplos abaixo:

- (21) O PORTO BARROS ESTÁ MAIS SEDUTOR...

O Porto Barros tem uma nova imagem, nova garrafa, novo rótulo...

O charme de sempre!

De tradição familiar, o Porto Barros garante a qualidade e gama dos seus Vinhos do Porto. Um nome famoso com apreciadores em todo mundo.

Um prazer irresistível!

(Propaganda na Revista de VINHOS, nº 191, Media Capital Edições Lda, Portugal, outubro de 2005, p. 47 - PE)

Orações relativas
apositivas: SNs 'soltos'
como estratégia de
focalização e
argumentação

- (22) Imagine viver sem fronteiras. Poder estar sempre perto de quem você gosta. Mesmo daqueles amigos mais distantes. Imagine poder ir a qualquer lugar. E até estar em dois lugares ao mesmo tempo. Não ter limites. Não ver distâncias. Esse jeito de viver existe. Basta usar o seu celular.

(...)

GSM é TIM. Muito além da voz. (Propaganda da TIM, Revista VEJA, nº 18, 05/05/04, p. 109-120)

- (23) Uma personalidade tão forte como Grão Vasco não se explica. Sente-se. Existem coisas que nasceram para ser simplesmente sentidas. Como Grão Vasco. A sua eterna juventude enriquece a sua intemporalidade, como deixam transparecer os seus novos rótulos. Este é o Grão Vasco. Um vinho com uma personalidade única, cuja tradição renasce de colheita para colheita. (Revista VISÃO, nº 343, 7 a 13 de outubro de 1999, p. 101 - PE)

- (24) A Odebrecht construiu
a Costa do Sauípe.
O maior complexo hoteleiro
da América Latina.

E agora vai construir o lugar onde você vai morar.

A apenas 4 quilômetros do BH Shopping, em pista dupla, pela estrada de Nova Lima-MG-030. Venha morar aqui.

(Propaganda da Odebrecht, ESTADO DE MINAS, 12/06/04)

Em todas as propagandas acima pode-se ver que o que está destacado traduz/veicula, de modo geral, aquilo que é a vantagem do que se está oferecendo. Por isso tem de vir destacado, seja como SN 'solto', seja como oração relativa apositiva, e até mesmo por outros tipos de 'desgarramento' que não estão sendo o foco desta análise. Embora os recursos visuais e gráficos não sejam de interesse aqui, é de notar, nos exemplos (21) e (24) – o primeiro do português brasileiro, e o segundo do português europeu –, que o destaque espacial dado aos sintagmas *O charme de sempre!* e *Um prazer irresistível!*, em (21), e *O maior complexo hoteleiro da América Latina* e *A apenas 4 quilômetros do BH-Shopping...030*, em (24), reforça a argumentação com o objetivo de convencimento que é o cerne do **gênero propaganda**. Até mesmo a colocação, em parágrafo separado, do adjunto adverbial – *A apenas 4 quilômetros...MG-030* –, referente ao *lugar onde você vai morar*, enriquece o efeito pretendido.

Nesse momento é interessante relembrar a semelhança dessas estruturas ‘desgarradas’ com as estruturas clivadas. Também nos textos do gênero propaganda a focalização pode vir materializada lingüisticamente por intermédio da estratégia de clivagem. O anúncio publicitário a seguir é um bom exemplo disso:

(25) COM O TEMPO, MADURAM AS UVAS

Foi com o tempo que evoluímos.
Tem sido com o tempo que nos requintamos.
É com o tempo que contamos para que prove o nosso vinho.

Tem tempo?

(Revista de VINHOS, Media Capital Edições, Lda, Portugal, nº 191, outubro de 2005, p. 97 - PE)

Nesse exemplo, as estruturas sublinhadas, todas casos de clivagem, sugerem o reforço do título da propaganda, do tópico *COM O TEMPO, MADURAM AS UVAS*. Vai-se tecendo a argumentação através do uso daquela estratégia para, no final, com a estrutura *Tem tempo?*, convidar o consumidor a investir seu tempo numa atividade prazerosa, sugerindo que se está à espera dele para degustar e, principalmente, adquirir o vinho. Portanto, o realce dado ao tempo, através da clivagem, recupera, de alguma forma, a história da preparação do vinho, desde a maturação das uvas, passando pelo amadurecimento e envelhecimento, até a sua apreciação através da degustação.

Após essas considerações sobre a ocorrência do ‘desgarramento’ em textos do **gênero propaganda**, o que dizer do **horóscopo**, colocado anteriormente no mesmo grupo dos anúncios publicitários? O que esses dois gêneros têm em comum?

Abaixo estão transcritos alguns trechos de horóscopo, nada interessando, aqui, o signo astrológico:

(26) TOURO

Disposição mais tolerante; afetividade. Neste momento, você está o confidente ideal e será muito solicitado pelas pessoas necessitadas de falar. O que é muito bom, pois se aprende com a experiência dos outros. Não podemos viver outras vidas, mas podemos aprender com elas.

LEÃO

Se você combinou algum programa com alguém é bom cumprir, para não acabar o dia com a cabeça quente. Mas você deve ter pensado bem antes de se comprometer. Fora isso, as chances são de passar um fim de semana animado e rico em experiências. Principalmente no fim da tarde de hoje.

(Rosângela Alvarenga, “Horóscopo”, ESTADO DE MINAS, 13/08/05, Caderno **Cultura**, p. 2)

O exemplo acima apresenta ocorrências de estruturas 'desgarradas' materializadas como SN 'solto' (em TOURO e em LEÃO), e como oração relativa apositiva, do tipo 'sem cabeça', como aparece no signo TOURO.

Observe-se, agora, o conjunto de signos que constituem o exemplo (27):

(27) LEÃO

Tranqüilidade no campo afetivo, boas perspectivas. Sorte e surpresas agradáveis de onde você menos esperava. Só não vai tomar atitudes precipitadas. O período traz vantagens materiais. Aproveita para resolver os principais assuntos pendentes, especialmente dentro da vida profissional.

CAPRICÓRNIO

Sentimentos intensos e profundos. Otimismo e autoconfiança, de um modo geral. Entretanto, as tentativas que fizer hoje para chegar onde deseja só terão sucesso se você tiver muita paciência e persistência. Vale a pena fazer um esforço para se concentrar. Concentração é poder.

PEIXES

Preocupação com pessoas próximas. O dia poderá ser um tanto estafante, cansativo. Repare se você não está escolhendo os caminhos mais difíceis e penosos para se sentir merecedor do que tem ou do que deseja. Susceptibilidade muito alta à opinião das outras pessoas.

(Rosângela Alvarenga, "Horóscopo", ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Caderno **Cultura**, p. 2)

Ressalte-se, no exemplo acima, o **valor tópico** do uso de SNs 'soltos' ocorrendo no início do texto relativo ao signo. Pode-se dizer que esses SNs preparam, adiantam o que virá depois, desenvolvido em estruturas oracionais inteiras. Interessante é o caso do signo PEIXES, em que, além do SN 'solto' inicial, apresentou-se um outro no final. Isso funciona como uma estratégia de abertura e fechamento da temática desenvolvida.

O **gênero horóscopo** pertence, conforme classificação de vários estudiosos do assunto, ao **domínio instrucional**, permitindo o aparecimento de seqüências **injuntivas**, dado o objetivo de aconselhamento, de aviso a que esse gênero se presta, dentro de uma estratégia argumentativa também de convencimento, ou, pelo menos, de alerta. Aí se encontra o ponto comum entre os textos do gênero propaganda e do gênero horóscopo: neles é essencial a argumentação através de mecanismos e estratégias que possam levar ao convencimento do leitor. Não se trata, nesses textos, de expor, de justificar ou de explicitar um ponto de vista do autor. O elemento mais visado dessa interação é o leitor, aquele a quem se dá diretrizes para suas atividades sociais, para sua conduta de vida (como no caso do horóscopo). Assim, quanto mais forem usadas essas estratégias, maior será o resultado na transformação do leitor.

Muito ainda poderia ser dito sobre a ocorrência de orações relativas apositivas ‘desgarradas’ e SNs ‘soltos’ nos diversos gêneros em que se lança mão de recursos argumentativos, como o **gênero acadêmico-científico**, exemplificado nas ocorrências abaixo:

- (28) Um desses recursos usados pelo falante é a escolha (emprego) dos verbos e suas relações com sujeito, objeto e circunstâncias do fato. O que, para a análise funcionalista, seria observar o processo que cabe em cada oração/cláusula do texto, os participantes que estão envolvidos e quais papéis representam. (L.F.N.R., trabalho acadêmico, UFMG, 2003)
- (29) Assim, na concepção de THOMPSON (1996), os processos materiais envolvem uma multiplicidade de formas, o que demanda o estabelecimento de subcategorias relativas a essa classe de verbos, pois as disparidades formais e sintático-funcionais requerem diferenças no que diz respeito à interpretação desses processos. Fato que exige, segundo o autor, não somente o uso da intuição, mas, acima de tudo, a utilização de um princípio gramatical mais ou menos estável, a fim de que se possa confirmar essas diferenças intuitivas refletidas na linguagem e, assim, poder-se justificar a decisão de estabelecer subcategorias separadas para os vários processos verbais. (H.L.M.M., trabalho acadêmico, UFMG, 2003)
- (30) Um sujeito deve ser entendido a partir de uma contextualização. Contextualização essa que prevê o correlacionamento de diversos fatores (...). (F.C.B.C., trabalho acadêmico, UFMG, 2003)

Em (28), a oração relativa apositiva ‘desgarrada’ é do tipo ‘sem cabeça’, já mencionado aqui. Em (29), ocorreu uma relativa apositiva com a estrutura **SN + que**, sendo o SN do tipo ‘vazio’, como aponta THOMPSON (1989). Trata-se do substantivo **fato** que, assim como **coisa, negócio**, etc., são desprovidos de qualquer informação. No caso de **fato**, entretanto, pode-se dizer que ele não é totalmente desprovido de carga semântica, uma vez que se refere ao conteúdo de todo um discurso precedente. Mesmo assim, mantém-se sua caracterização como ‘vazio’ por não se referir a um substantivo introduzido anteriormente no discurso. Já em (30) tem-se a ocorrência da relativa apositiva encabeçada pela estrutura **SN + det + que**, na qual o SN **contextualização** é a repetição do substantivo antecedente, seguido do dêitico **essa**, que reforça o relevo manifestado pela oração ‘desgarrada’. Trata-se, também como postula THOMPSON (1989), de um substantivo anafórico. Nesse sentido, (30) se diferencia de (29), em que o substantivo **fato** não é anafórico, pelo menos da maneira como acontece com **contextualização** em (30).

Essas são estruturas muito comuns em trabalhos acadêmicos ou artigos científicos. Mas também o são em textos do **gênero carta do leitor (ou carta à redação)**, em que a necessidade de reforçar algum aspecto do tema desenvolvido

leva ao uso da estratégia de ‘desgarramento’ de oração apositiva ou de SNs ‘soltos’. É como se pode ver pelo exemplo abaixo:

Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação

- (31) CÂMARAS
Discursos vazios e
muito pouca ação

O que se observa nos legislativos municipais são discursos vazios, moções de congratulações e discussão de problemas pessoais. Temas que, como se vê, não devem passar pela Comissão de Constituição e Justiça (...) (J.E.B., ESTADO DE MINAS, 12/06/04, **Cartas à Redação**, p. 6)

Em (31), o substantivo **temas** funciona como uma “retomada” de uma série de atividades praticadas nos legislativos. Essa é uma função textual-discursiva, que será discutida mais adiante, junto com outras que podem ser exercidas pelas orações relativas apositivas ‘desgarradas’. Observe-se também em (31) o emprego de uma estrutura pseudoclivada – o período inicial – reforçando ainda mais a focalidade no trecho.

Antes de passar à última seção deste trabalho, quero ressaltar, a título de sugestão para pesquisas futuras, um aspecto da estrutura da língua que tem, às vezes, equivalência com as orações relativas apositivas ‘desgarradas’. Trata-se do uso do gerúndio (cf. REIS & DIAS, neste volume), em ocorrências como as abaixo exemplificadas:

- (32) Os textos que mandei de Nova York foram publicados pelo Globo num caderno especial sobre os atentados, mas não foram distribuídos pela agência. Levando alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem que eu estava num processo patológico de rejeição da realidade, o que não é o caso. Ainda. (L.F. Veríssimo, “Fundamentalismos”, ESTADO DE MINAS, 18/09/2001, Caderno **Opinião**, p. 7)

Observe-se que, em (32), a oração sublinhada, iniciada pela forma de gerúndio, é também uma estrutura ‘desgarrada’ e equivale a uma relativa apositiva ‘desgarrada’ como *O que levou alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem...* Ela é, portanto, uma oração relativa apositiva materializada lingüisticamente em sua forma reduzida, conforme análise de REIS & DIAS (neste volume).

Nem todas as orações ‘desgarradas’ com gerúndio vão equivaler a uma relativa apositiva, como mostra o exemplo a seguir, dentre os inúmeros que vêm ocorrendo no português escrito:

- (33) O candidato necessita ter capacidade e coragem para usar o cargo para o qual foi eleito e combater por todos os meios de que dispõe, num espaço maior, a corrupção, desvio de verbas públicas, estelionato, tráfico de drogas, prostituição, etc. Não

esquecendo também da pornografia e desrespeito que a TV nos traz para dentro dos nossos lares. (S.S., ESTADO DE MINAS, 15/05/2000, **Cartas à Redação**, Caderno **Opinião**, p. 4)

5 Funções textual-discursivas do ‘desgarramento’ de orações relativas apositivas

O valor argumentativo das orações relativas apositivas vistas até aqui, através da estratégia de ‘desgarramento’, está atrelado a funções textual-discursivas que vão servir para aumentar a focalidade pretendida pelo escritor. Assim é que uma oração relativa apositiva ‘desgarrada’ pode estar exercendo uma função de **avaliação**, como mostram os exemplos de (34) a (37), a seguir, em que aparecem tanto orações relativas apositivas quanto SNs ‘soltos’ com essa função:

- (34) Pode acreditar no que vou narrar. Foi numa manhã de céu nublado, ameaçando chover, ninguém comigo. Só eu e Deus. Minha canoa bem no centro do rio, que não era largo.
(...) Este o teor da carta recebida do leitor Aresio Marques, pescador que acredita na existência do caboclo d’água. Um direito que lhe assiste. (Plínio Barreto, “Caboclo de novo”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, p. 2)
- (35) O fato é que o Repórter Vesgo, do programa *Pânico na TV*, já virou “celebridade” de tanto correr atrás de famosos nas festas do mundinho vip. O que não quer dizer que tenha deixado de ser *persona non grata* nas rodas onde circula. (Daniela Mata Machado, “Chato de carteirinha”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Coluna **Caras e Bocas**, p. 7)
- (36) A previsão do articulista Brad Stone é de que, em cinco anos, eles poderão transformar o computador em instrumento obsoleto. Afirmção meio temerária, mas enfim... (Hélcio Carlos e Mário Fontana, “Profecia”, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Caderno **Cultura**, Coluna **HIT** (Coluna social), p. 3)
- (37) Formada, dedicou-se a ensinar poesia para estudantes e a fazê-los escrever versos. Uma tarefa árdua. (Gilberto Dimenstein, “A reinvenção da biblioteca”, FOLHA DE SÃO PAULO, 12/10/05, Caderno **Cotidiano**, p. C2)

Em todos os exemplos acima, quase todas as estruturas sublinhadas servem à função de **avaliação** que o próprio escritor faz a respeito do assunto de que seu texto está tratando. Em (34), no entanto, há, além da oração relativa apositiva ‘desgarrada’, outras ocorrências de ‘desgarramentos’ – *Só eu e Deus. Minha canoa bem no centro do rio, que não era largo* – que não

possuem essa função, mas somente constituem um destaque, por meio da focalização.

Outra função textual-discursiva exercida pelas orações relativas apositivas 'desgarradas' é a de **retomada**, postulada por GIVÓN (1992) – e da qual me utilizei em trabalhos anteriores (DECAT 1993 e 1999a) – para explicar o comportamento simultaneamente anafórico e catafórico, como **ponte de transição**, de orações adverbiais em início de período, funcionando como o que CHAFE (1988) chama de **guia** (*guidepost*) para a interpretação pelo leitor. A função de **retomada** consiste, portanto, em reaver, de alguma forma, uma informação que foi dada anteriormente no texto. Essa retomada pode-se materializar de diferentes maneiras nas orações relativas apositivas 'desgarradas', como será mostrado a seguir.

- (38) Um dos itens do último censo que mais provocaram comentários de especialistas e palpiteiros em geral foi a queda da "popularidade" da Igreja Católica no Brasil. Queda que vem se acentuando de censo a censo e que aparentemente coloca a chamada Nau de Pedro à beira do naufrágio no encapelado mar da modernidade. (Carlos Heitor Cony, "O gênero e o grau", FOLHA DE SÃO PAULO, 26/05/02, Caderno **Opinião**, p. A2)

No exemplo acima, a oração sublinhada, relativa apositiva, é do tipo **SN + que**, em que o SN retoma o referente **queda**, explícito no texto, mas não adjacente à oração apositiva. Ao contrário, em (39) abaixo, essa adjacência se verifica:

- (39) Na hora agá, ela fraquejou. Não apareceu. Não pulou a janela com a trouxa. Ele acabou se afastando desiludido, mas começou a mandar cartas para ela através de um amigo. Que não as entregou. Ao contrário, guardou-as, começou a namorar a moça e logo casou-se com ela. (Affonso Romano de Sant'Anna, "Fugir por amor", ESTADO DE MINAS, 14/11/04, Caderno **Cultura**, p. 8)

A oração relativa em questão é iniciada pelo pronome relativo **que**, que é uma retomada do referente explícito, e adjacente, **amigo**. Essa é, aliás, a função desse pronome, conforme tradicionalmente se postula.

Observe-se, agora, uma outra ocorrência da relativa apositiva com a forma **SN + que**:

- (40) Imperdível também é a entrevista de Lucinha Araújo, a mãe de Cazuza, que fala do filho movida a lágrimas e fortes lembranças. Lembranças que são o alimento de dona Margot, a primeira mulher a surfar nas ondas brasileiras. (Revista GOL, nº 24, **Editorial** "O Brasil é aqui", março/04, p. 6)

Tem-se, em (40), uma relativa apositiva iniciada por um SN que não é 'vazio'; ao contrário, ele retoma exatamente o substantivo que o antecede

imediatamente. É bom lembrar que outras estruturas semelhantes que encabeçam a oração relativa apositiva, como **SN + det + que**, podem também constituir uma retomada, como é o caso do exemplo (30) e outros vistos anteriormente; e também com estruturas de **SN + que**, em que o SN é, de certa forma, 'vazio', por não estar retomando substantivo antecedente explícito, mas retoma o conjunto de informações dadas antes, numa maneira resumidora, como foi o caso visto no exemplo (31) e em vários outros apresentados neste trabalho. Esse papel resumidor do pronome relativo ou de um item lexical que encabeça as orações relativas apositivas foi também reconhecido na análise empreendida por FONSECA (2004). Esse autor, entretanto, trata somente de orações relativas que ocorrem como "frase adjetiva continuativa", nos termos de VILELA & KOCH (2001, p. 398), ou seja, não ocorrem na forma 'desgarrada' como estou aqui analisando. De qualquer forma, é importante ressaltar a pertinência das análises de FONSECA (2004) e de VILELA & KOCH (2001), pelo reconhecimento de que esse tipo de oração "adjetiva continuativa" exibe um grau menor de integração em relação à oração principal, não se prendendo a nenhum elemento dela. No meu entender, esse menor grau de integração já revela uma tendência ao 'desgarramento' (e a uma independência da oração) de que estou tratando neste trabalho.

Um último exemplo do *corpus* encerra essa discussão sobre a função de **retomada** que têm as orações relativas apositivas 'desgarradas':

- (41) Por isso que provoço para a razão essas mães que confundem amor maternal e perdão incondicional com uma perigosa cumplicidade. Mães que comparecem no meu escritório - como no de outros familiaristas - pretextando consulta que resulte numa solução judicial que as poupe de seus filhos pervertidos pelas más companhias e pelas drogas. Mães que, no entanto, como se extrovertessem seus dramas no divã de psicanalista evidenciam desejar apenas quem as ouça repelindo qualquer sugestão jurídica. A saga da sua insuspeitada tragédia, com o detalhamento das "ruindades" com que lhes agradecem o muito amor, é contada com lágrimas escorrendo-lhes faces abaixo, "mater dolorosas". Ao final, agradecem mas dispensam as orientações, saindo arrastando sua sina, deixando para trás um advogado solidário e frustrado. (Segismundo Gontijo, "Da denúncia da violência", ESTADO DE MINAS, 09/05/2000, **Opinião**, p. 9)

No trecho acima transcrito ocorrem duas orações relativas apositivas 'desgarradas', nos termos vistos no presente trabalho e em DECAT (1999b e 2001). São estruturas iniciadas por **SN + que**. Observe-se que as orações são uma retomada do referente **mães**, que ocorre na primeira linha do texto. A força argumentativa dessa retomada está na focalização dupla, repetida, da mesma estrutura inicial das orações apositivas. Essa retomada seqüenciada da focalidade contribui para o alto grau de argumentatividade do texto.

Considerações finais

Neste trabalho procurei demonstrar o comportamento das orações relativas apositivas em sua forma 'desgarrada', ou seja, sem a oração matriz. Foi aqui demonstrada sua semelhança com SNs que ocorrem 'soltos' e com as estruturas clivadas ou pseudoclivadas, no que diz respeito ao fato de serem as orações apositivas também estratégias de focalização, de realce, de relevo, visando a uma maior argumentatividade.

Foi evidenciado, também, que a ocorrência dessas estruturas 'desgarradas' não se atém a um gênero textual específico. Mas se materializam lingüisticamente, de diferentes maneiras, toda vez que a necessidade de focalização e argumentação aflora no texto como resultado das intenções e dos objetivos sociocomunicativos do produtor do texto. É também por força desses objetivos que as orações relativas apositivas 'desgarradas' vão exercer certas funções textual-discursivas como a **avaliação**, a **retomada**, além, é claro, de seu valor como **adendo**, ou mesmo **parentético**.

Penso, finalmente, ser possível dizer, à vista do que foi encontrado no *corpus* analisado, que o 'desgarramento' de orações relativas apositivas, chamadas de adjetivas explicativas pela Gramática Tradicional, é mais uma das estratégias de focalização, juntamente com a clivagem, com a topicalização e outros. Há que se reconhecer, portanto, a produtividade cada vez maior dessa estratégia no português escrito, brasileiro ou europeu, evidenciando não uma 'falha' de organização do texto, como querem os prescritivistas, mas uma tendência da língua para a construção textual e uma estratégia importante para a organização das informações no texto, a qual se caracteriza como mais um recurso sintático para a atribuição de relevo a partes do enunciado.

Abstract

In this paper I investigate the occurrence of detached appositive relative clauses in written Brazilian and European Portuguese from the North American functionalist theoretical frame of reference. I establish a parallel between the behavior of these clauses and that of floating noun phrases and cleft-sentences. I postulate detachment to be another focusing strategy aiming at a higher degree of argumentativeness, coupled with the textual-discursive functions of evaluation and of anaphoric 'retaking' shown by these structures in various textual genres.

Keywords: Appositive relative clauses; Detachment; Focusing; Argumentativeness; Textual-discursive functions.

Notas

¹ (...) *apposition is best defined as a grammatical relation realized by constructions having specific syntactic, semantic, and pragmatic characteristics (MEYER, 1992)* - (Esta e outras traduções são de minha responsabilidade).

² O 'desgarramento' de orações adverbiais foi tratado em DECAT (1999b).

Referências bibliográficas

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4 ed. Éditions Francke Berne, 1965 [1944]

BRAGA, Maria Luiza. Fala, escrita e estratégias de focalização. *Revista SériEncontros* (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), ano XVI, n.1, Araraquara, SP:UNESP, 1999, p. 281-298.

CHAFE, W. L. Linking intonation units in spoken English. IN: HAIMAN & THOMPSON (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1988, p. 1-27.

_____. The deployment of consciousness in the production of a narrative. IN: CHAFE, W.L. (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

D'ARAÚJO, Luciana C.F. *O adjetivo no discurso narrativo oral do português*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Dissertação (Mestrado em Lingüística), 2003.

DECAT, M.B.N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao 'desgarramento'. *Scripta* (Lingüística e Filologia), v.5, n.9, Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem 2001, p. 104-118.

_____. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. *Revista SériEncontros* (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), ano XVI, n.1, Araraquara, SP:UNESP, 1999a, p. 299-318.

_____. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". *Scripta* (Lingüística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem 1999b, p. 23-38.

_____. *"Leite com manga, morre!": da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, PUC/LAEL, Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas), 1993.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

FONSECA, Celso Fraga da. *Orações adjetivas em "cantigas de miragre" das Cantigas de Santa Maria do estatuto sintático-semântico às funções discursivo-textuais*. Belo Horizonte, PUC Minas, Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), 2004.

GIVÓN, Talmy. *English grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1992.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed., London: Edward Arnold, 1994 [1985].

KOCH, Ingedore G.V. *Argumentação e linguagem*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore e VILELA, Mario. *Gramática da Língua Portuguesa*. Editora Almedina. Coimbra. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN:

DIONÍSIO, A, MACHADO, A.R., BEZERRA, M.A. (orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 19-36.

MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

NOGUEIRA, Márcia T. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Araraquara, SP, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Tese (Doutorado em Letras), 1999.

OLIVEIRA, M. A. & BRAGA, M.L. On focussing sentences in Brazilian Portuguese. IN: GUY, Gregory R. et al (eds.) *Social interaction and discourse structures*. (Papers in honor of William Labov). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1997, p. 207-221. (Series: Towards a social science of language 2).

REIS, Andreia R.G. & DIAS, Nilza B. As cláusulas relativas reduzidas de gerúndio no português escrito e falado do Brasil (neste volume).

THOMPSON, Sandra A. A discourse approach to the cross-linguistic category "adjective". IN: CORRIGAN & ECKMAN & NOONAN (eds.) *Linguistic categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1989.

TRAVAGLIA, Luiz C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. IN: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 77-130 (Volume VII: Novos Estudos).